

OCUPANDO O CAMPUS – UMA ANÁLISE SOBRE OS UNIVERSITÁRIOS DO MST

Emerson DIAS¹ e Paulo BASSANI²

Resumo: O artigo analisa como as influências históricas e sociológicas que permeiam os ideais das lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) são compreendidas pelo universitário sem-terra, este novo personagem sociológico que desponta como prova da resistência e da capacidade de reorganização das mobilizações do campo.

Palavras-chave: Movimentos sociais rurais. Educação. MST.

A idéia de um movimento social que avança por diversas frentes, buscando integração direta ou indireta de várias ações populares (reivindicação por emprego, saúde, educação, etc.) ao mesmo tempo em que mantém erguida a principal bandeira pela qual luta (como, por exemplo, democratização da terra, reivindicada pelos sem-terra, direito à moradia, desejado pelos sem-teto, espaço territorial para caça e pesca exigido pelos índios, equidade de gêneros entre homens e mulheres, debatida por movimentos feministas, etc.) sempre foi defendida por pesquisadores e pelos próprios grupos e agentes mobilizadores. Melhor ainda seria se passassem a contar com o estabelecimento de vínculos entre as tais frentes e o uso do conhecimento científico adquirido dentro de um sistema de formação em que eles inicialmente não pretendiam se inserir, resultando assim na reformulação do processo educacional tradicional. Ponce (1989)³ aponta que o debate sobre a Educação está presente em todas as mobilizações sociais e é referendada em praticamente qualquer reivindicação de classe. Mas se o próprio historiador deixa claro que a escola é usada para perpetuar a manutenção dos grupos dominantes no poder há séculos, então como seria possível

¹ Jornalista e mestre em Ciências Sociais pela UEL.

² Departamento de Ciências Sociais – UEL – Universidade Estadual de Londrina – 86051-990 – Londrina – PR – Brasil.

³ “Enquanto a sociedade dividida em classes não desaparecer, a escola continuará sendo uma simples engrenagem dentro do sistema geral de exploração”, afirma Ponce (1989, p. 182).

absorver o aprendizado sistematizado nas escolas atuais sem perder as referências do movimento onde o integrante se criou?

Especificamente no caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), vemos que o grupo optou por formular uma educação “própria”, complementando a grade curricular tradicional (e oficial) com textos de apoio, discussões e até mesmo com uma estrutura física diferente da encontrada nas escolas urbanas.

Objetiva-se, neste artigo, mostrar que esta fórmula *sui generis* de aprendizagem ultrapassou as expectativas do movimento – e porque não dizer de vários estudiosos que acompanham o desenvolvimento de grupo – e alcançou um novo estágio de formação: o ensino superior. Prova disso são centenas de estudantes universitários sem-terra que ocupam faculdades e universidades em todo o país e também no exterior. Até o primeiro semestre de 2004, cerca de 750 acadêmicos sem-terra estudavam em instituições públicas e privadas do Brasil, enquanto 58 cursavam Medicina em Cuba. Somados aos 190 mil estudantes sem-terra que integram o ensino fundamental e médio, o curso de alfabetização para adultos e cursos técnico-profissionalizantes para jovens, temos um significativo fenômeno que se apresenta para pesquisas em ciências sociais.

A pesquisa (DIAS, 2004) que resultou neste artigo buscou compreender este novo personagem – o universitário sem-terra – que entra em cena lutando e agindo dentro e fora das fronteiras sociais (entre o campo e a cidade, pobres e ricos, cultos e ignorantes), buscando ocupar espaços públicos e debater as condições do país nas arenas político-sociais enquanto procura manter a identidade junto às raízes camponesas históricas e servir de ponte para a integração entre o urbano e o rural.

A pesquisa tem por base o olhar sociológico e não pedagógico, mas tornou-se inevitável transitar pelo tema “Educação”. Isso porque analisamos recortes de um movimento social em que tal assunto é de suma importância para o pesquisador e o objeto empírico pesquisado. Assim buscamos compreender como se processava a assimilação dos ideais do MST, absorvidos pelos jovens sem-terra que ampliaram seus estudos em instituições de ensino superior, e agora enfrentam dificuldades da vivência em dois “mundos” visto erroneamente como separados – o rural e o urbano – onde não somente o sistema de ensino é diferente, mas o comportamento humano e as condições sociais também. Pesquisas e análises recentes, como a de Vela (2001), mostram que as mudanças no jovem rural (o autor se refere aos filhos de agricultores em geral, seja ele sem-terra ou não) são percebidas já durante sua formação social, decorrente da imersão no mundo globalizado em que vivemos.

O jovem rural tem [atualmente] uma melhor expectativa de vida e, potencialmente, maiores possibilidades de educação, embora, para um grande número deles, a

possibilidade de herdar a terra e outros recursos do campo acabou, restando a linha do empreendedorismo ou migrar a outras zonas, geralmente urbanas. Pela relativa maioria de escolaridade, e pelo acesso às comunicações e às rápidas mudanças no cotidiano, ser jovem rural, no mundo contemporâneo, é ter idéias diferentes sobre como ocorre a vida e as leis que regem a sociedade. Mudaram as idéias sobre o corpo, a constituição da família, o sentido da obediência e sobre a autoridade. Os argumentos baseados na razão e na explicação tendem a ocupar o lugar das antigas explicações religiosas ou mágicas, sem que estas desapareçam totalmente. (VELA, 2001, p. 36).

Ao colocar este “novo jovem rural” no momento atual da humanidade, vê-se que ele também é pensado dentro dos movimentos sociais. E especificamente no MST, a formação deste novo indivíduo passa necessariamente por uma educação complementar que extrapola o ensino básico ministrado nas escolas tradicionais. Entre as disciplinas são implementadas idéias e propostas que ambientam o aluno dentro de perspectivas, anseios e dos objetivos do grupo. Isso porque não basta transmitir as fundamentações da educação tradicional sem explicar ao jovem as diferenças sociais existentes no Brasil, percebidas por ele mesmo durante a formação escolar. Especificamente entre os adolescentes do MST, a disparidade entre a “sala de aula” de um acampamento ou assentamento rural e a de uma escola urbana é ainda mais gritante e perceptível. Crescer sem usar uniformes do colégio, não ter dinheiro para comprar material escolar “moderno e colorido” ou simplesmente não poder voltar para uma “casa” ao final da aula – porque não há um lar construído dentro das perspectivas da ordem capitalista moderna – são situações que mexem com o imaginário dos “sem-terrinhos”⁴ e demais adolescentes do grupo.

A preocupação com os choques culturais enfrentados pelas crianças já havia sido exposta pelos primeiros professores do movimento no início da década de 1980, fase de gestação do MST. Foram os mesmos que formaram o Setor de Educação, agrupando conhecimento para desenvolver uma aprendizagem alternativa que tentasse informar e formar o jovem sem-terra. Mas como compreender esta aprendizagem, embasados em um processo histórico permeado por conflitos, desavenças, repressões, crises internas e choques culturais com o moderno, o urbano e o mundo globalizado?

Para começar a responder tais questões é preciso primeiro admitir que os sem-terra provocam reformulações de pesquisas e teorias de estudiosos que não esperavam ver uma mobilização de origem camponesa ocupar um espaço até então propenso às organizações urbanas, apresentando-se na contramão da estrutura

⁴ Expressão criada pelos próprios jovens durante o 1º Encontro das Crianças Sem-Terra em São Paulo, em 1997.

capitalista globalizada. Contrariando todas as expectativas históricas, o pequeno agricultor sobreviveu à expulsão do campo, suportou a condenação prévia de que seria consumido pela estrutura econômica que o envolvia e atualmente está engrossando a resistência de outras lutas sociais: direito à casa própria, busca pela ampliação na distribuição de renda, pela melhor qualidade da saúde pública e até mesmo na luta pela inserção dos excluídos em instituições de ensino. No caso do MST, existem centenas de jovens utilizando faculdades e universidades como nova via de acesso para o seu desenvolvimento como integrante do grupo.

O perfil dos universitários sem-terra

Quando concederam entrevistas (gravadas e catalogadas entre 2003 e 2004) para a pesquisa que resultou neste artigo, os seis jovens sem-terra citados no decorrer do texto eram bolsistas da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP – SP), a segunda instituição de ensino superior a abrir vagas específicas para integrantes do MST e a primeira a oferecer bolsas de estudo dentro de um leque de opções diversas para tais alunos. Explicamos: em janeiro de 1998, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS, sediada em Ijuí (UNIJUÍ – RS), iniciou a primeira turma de Pedagogia para sem-terra, que abrangia professores de acampamentos e assentamentos de diversos estados do país. No ano seguinte surgiriam as vagas oferecidas pela UNIMEP, exclusivamente para estudantes sem-terra, nas áreas de Economia, Direito, Contabilidade, História e Filosofia, ampliando depois para outros setores, como Fisioterapia, Pedagogia, Biologia, etc. (ao final da pesquisa eram 10 vagas ofertadas aos sem-terra em cada vestibular, com possibilidade de ampliação para 20, caso a maioria dos cursos escolhidos fosse no período vespertino).

Os cinco primeiros acadêmicos foram ouvidos no campus da própria universidade e não tiveram os nomes verdadeiros publicados no decorrer do texto por questões éticas. Optou-se por chamá-los pelos nomes fictícios de Marcelo (37 anos), Maria (23), Fernanda (20), Cristiana (36) e Pedro (25). O sexto estudante – João Paulo Rodrigues, 24 anos – foi citado pelo próprio nome por ser liderança já conhecida e pública do MST na época (era o mais jovem coordenador nacional do movimento) e por ser o único que dividia efetivamente a coordenação do movimento com a tentativa de concluir seus estudos. Com exceção de Rodrigues, que havia trancado temporariamente a matrícula na faculdade (estava no segundo ano de Filosofia quando foi entrevistado), todos estavam cursando faculdade, em diferentes períodos (matutino, vespertino e noturno).

Os depoimentos mostram que a formação pedagógica “complementar” do MST aproximou os universitários sem-terra de personalidades históricas e pensadores sociais que tentaram mudar a estrutura social do país engessada há séculos.

Intelectuais que foram referências aos coordenadores e lideranças do MST e de outros movimentos sociais principalmente nas décadas de 1970 e 1980, são citados com naturalidade pelos acadêmicos sem-terra. Ilustramos isso com o depoimento de Marcelo sobre o que aprendeu com os professores do MST. “Nós estudamos Paulo Freire, Makarenko, Vygotsky⁵ e criamos um projeto pedagógico de uma escola que fosse itinerante, em virtude do acampamento de Nova Canudos⁶ ser um acampamento de várias desocupações”.

Marcelo, que integrou o Setor de Educação do acampamento citado, fala de autores ligados à Pedagogia que não compactuariam com o sistema pedagógico desenvolvido na maioria das escolas brasileiras atuais. Seria possível discutir e citar outros depoimentos colhidos, mas o exemplo do universitário Marcelo já deixa claro que alguns jovens sem-terra estão tentando compreender o que parece explícito: a educação formal apresenta fissuras que dificultam a participação de excluídos sociais no processo de ensino que é oferecido como um direito constitucional a todos. Para o entrevistado, estas deficiências também são identificadas em níveis mais avançados.

A universidade – e o curso de Direito principalmente – tem uma formação tecnicista. E tudo que é tecnicista foi feito para manter o que a direita pensa, manter as normas que a direita pensa. E quando você chega com uma bagagem, trabalhando em um movimento social e discutindo o porquê... (pausa). Dentro do movimento social, dentro do MST, você tem a formação. Eu tinha, por exemplo, formação com o Wolkmer⁷, que é um dos maiores pensadores da Filosofia do Direito do Brasil, hoje. O movimento me proporcionava isso. (informação verbal)⁸.

O pensamento crítico do jovem sem-terra é estimulado desde a escolarização básica, acabando por ser “recompensado” com a oportunidade de disputar uma das bolsas oferecidas exclusivamente ao MST. Na fala de João Paulo percebe-se que o desejo de conseguir melhores condições de ensino para os assentamentos está

⁵ Lev S. Vygotsky (1896-1934) e Antón S. Makarenko (1888-1939), ambos pedagogos e pensadores na área de Educação.

⁶ Em junho de 2003, um dos coordenadores do MST no interior de São Paulo, José Rainha Junior, iniciou a convocação de sem-terra de diversas regiões do Estado, além de sem-terra, desempregados e outros interessados, para formarem juntos o acampamento “Novo Canudos” na região do Pontal do Paranapanema (sul de São Paulo). O grupamento, que chegou a reunir cerca de 20 mil pessoas, foi uma alusão direta ao movimento messiânico registrado no final do Século 19 liderado por Antonio Conselheiro.

⁷ Antonio Carlos Wolkmer é uma das referências do chamado “Direito Achado na Rua” e da série “Introdução Crítica ao Direito”, projetos que ganharam força na década de 1990 e atualmente contam com a participação de juristas que propõem uma visão crítica do Direito para ampliar a capacidade da população de “autoexecutar” sua participação ativa no processo social. (WOLKMER, 1991).

⁸ Depoimento de Marcelo.

diretamente ligado ao desejo de derrubar barreiras, entre elas a do “latifúndio da educação”:

Os assentamentos nossos têm que garantir que todos os estudantes possam ter acesso a cursos técnicos e à universidade. Essa vai ser uma grande briga que nós vamos empreender, que é o latifúndio da educação. Vai dar uma tarefa muito grande pra todos nós. [...] Meu desafio é terminar meu curso, o que eu não consegui ainda porque não estamos conseguindo acesso à universidade. As limitações são muito grandes. Primeiro porque você não vê negro em universidade. Segundo: pobre. Terceiro: camponês sem-terra. São as dificuldades muito grandes e muita minoria [concentrada e direcionada] pra um só. Mas há um desafio grande de voltar à universidade o quanto antes. (informação verbal)⁹.

Vemos que o jovem integrante da coordenação nacional se identifica com condições comprovadamente estigmatizadas na sociedade brasileira, encontradas em pesquisas clássicas, e também recentes (FREIRE, 1983; CALDART, 2000). João Paulo preconiza que a luta pela educação passa também pela luta contra o preconceito e contra o descaso junto aos jovens pobres, negros e camponeses sem-terra. Para estes universitários, incluindo João Paulo, uma situação que já havia sido identificada no Século XIX¹⁰ não pode se perpetuar sem que haja reação conjunta entre todos os segmentos envolvidos. A busca do pobre por melhores condições de vida, a do negro pela igualdade ou a do sem-terra por um pedaço de chão para viver se encontram em algum ponto. Este parece ser o pensamento defendido pelo MST depois de passadas duas décadas de existência.

Os universitários sem-terra, no entanto, estão dando ainda mais um passo a frente, tomando a iniciativa de adiantar propostas que ainda não saíram do papel e das mesas de negociação entre movimentos sociais e Estado. Um exemplo é a tentativa de criar dentro da UNIMEP a Central de Movimentos Populares (CMP). Pelo depoimento de Marcelo, percebe-se que eles se identificam com as demais minorias e se colocam como integradores, na tentativa de diminuir as distâncias em relação a estas minorias. Outro objetivo da CMP seria ocupar todas as vagas disponíveis aos sem-terra e ainda conseguir mais bolsas para integrantes de outros movimentos.

Até o final do semestre passado [junho de 2003] eram só as 5 bolsas. Aí a gente fez uma conversa com o novo reitor. Ele aumentou de 5 para 10 e, todo mundo que fosse estudar à tarde aqui no Taquaral poderia ter 20 bolsas. Só que teria que

⁹ Depoimento de João Paulo.

¹⁰ Exemplo a citação de Bomfim (1993, p. 133): “Em tais condições [dentro de um sistema escravista], jamais se poderia formar uma população agrícola rural, ativa, vigorosa, laboriosa, educada e fortalecida pelo trabalho filiado ao solo, interessada na produção. O trabalho consumia, devorava o trabalhador, em vez de o educar.”

passar no vestibular. Mas aí tem dois problemas: o primeiro é passar no vestibular. O segundo é como manter este povo aqui, enquanto militante. Nós estamos tentando criar aqui uma Central de Movimentos Populares, uma CMP, que teria a função de criar uma estrutura para estar mantendo este pessoal. Estamos discutindo isso há um ano e meio, mas ainda não conseguimos implementar. É uma proposta para poder facilitar e também conseguir trazer mais gente pra cá pra estar ocupando estas vagas que a reitoria cedeu. (informação verbal)¹¹.

Origens e referenciais

As origens de nossos entrevistados revelaram situações díspares: universitários oriundos de colégios particulares, de escolas públicas urbanas e de grupos escolares rurais. O desembocar destes estudantes dentro do MST se deu por caminhos diferentes e conseqüentemente revela um viés importante, ao mesmo tempo em que a identificação com o movimento e seus ideais está fortemente (de) marcada no pensamento das pessoas ouvidas. A percepção do mundo que os cerca aparece mais ampla entre os mais velhos, mas todos se reconhecem dentro de uma mobilização contrária ao sistema vigente e isso os faz sentir “diferentes” dos colegas de classe (seja na infância, quando em escolas urbanas, ou quando estão convivendo com os demais acadêmicos). Marcelo, por exemplo, teve sua formação “fora” do movimento. Ele não viveu em acampamentos e assentamentos como a maioria dos outros, mas traz em uma afirmação (“sou filho de pequenos agricultores que, na década de 1960, perderam suas terras e foram obrigados a migrar para a cidade”) o principal motivo que o levou a integrar ativamente o MST. Assim sendo, Marcelo acabou incorporado como “de dentro” do grupo.

De acordo com a pesquisa de Branco (2003), feita com adolescentes moradores de um assentamento do interior paulista, diferenças são percebidas desde a infância, quando o convívio coletivo explicita a existência dos “de dentro” (integrantes do MST que vivem em assentamentos e acampamentos) e dos “de fora” (como são chamados os que não integram os sem-terra). Os jovens sabem que “dentro” e “fora” do movimento se complementam, mas, ainda assim, esta separação se apresenta. Os jovens sem-terra sofrem com tal segregação e, como diz a autora, “são incluídos de forma excludente”, no que se refere ao processo educacional e à própria sociedade.

O espaço-tempo construído coletivamente, delimita, hoje, o que está ‘dentro’ e o que está ‘fora’ para a identidade. De ‘dentro’ é que puderam ver o mundo que, para eles, está ‘fora’. Mas é ‘de fora’ que acreditam poder encontrar recursos para se

¹¹ Depoimento de Marcelo.

manterem como ‘de dentro’ ou com os que ‘estarão dentro’. As fronteiras traçadas pela sociedade para os jovens do assentamento promoveram a construção do ‘eu/nós/eles’. A identidade coletiva gerada na luta que separou os de dentro e os de fora resiste, pelo sentido que a comunidade e a luta adquiriram para eles, à negatividade que lhe é imposta. Porém, esta identidade não permanece imune às pressões que sofre e nem está acabada, pois é processo de transformação permanente no dinamismo da vida social. (BRANCO, 2003, p. 66, grifo do autor).

É verdade que a autora se concentrou na análise dos jovens dentro do assentamento, optando por não expor no livro ações e eventos que exprimem tentativas de integração entre os de dentro e os de fora como, por exemplo, os Encontros de Jovens do Campo e da Cidade¹². Mesmo assim, está muito claro que esta separação, colocada pelos próprios jovens, existe quando se vive em um “mundo” diferente e separado de outro.

Mas os conflitos que aparecem durante a vida “dentro” (do assentamento) são os mesmos existentes do lado de “fora” (em nosso caso, na universidade)? Para responder a essa questão é preciso destacar antes que “ser” estudante sem-terra de ensino fundamental e médio é diferente de “ser” universitário sem-terra, que por sua vez é diferente de ser um universitário somente. A vaga em uma instituição de ensino superior não é entendida como uma conquista individual, mas sim a sensação de estar representando um grupo que alcançou tal condição graças ao movimento. Fernanda, por exemplo, estudou por meio de todo material que tinha ao seu alcance – reforçando mais uma vez a deficiência do ensino fundamental e médio, da cidade ou do assentamento – e chegou até onde está sabendo que uma condição maior a auxiliava nos bastidores (neste caso, o convênio que garantia a reserva de vagas exclusivas para estudantes sem-terra na UNIMEP).

No mesmo ano que eu me formei no ensino médio, eu prestei vestibular e não passei. Agora, nos seis meses antes de prestar para entrar aqui na Unimep, eu estudei em casa em apostilas que eu ganhei de uma amiga também e eram coisas assim que eu nunca tinha visto, assim, eu tinha que ir tirando dúvidas com pessoas

¹² Tais encontros são realizados em âmbito nacional, estadual ou regional. Este pesquisador participou do 1º Encontro Estadual de Jovens do Campo e da Cidade realizado em Londrina (PR), entre 30 de agosto e 1º de setembro de 2002, onde reuniram-se cerca de 850 pessoas. A programação previa a discussão de: 1) “Objetivos”: estimular a articulação e organização da juventude, estimular as lutas de massas com a colaboração dos jovens e ainda analisar a realidade brasileira e mundial; 2) “Tarefa Orgânicas”: estimular a construção de núcleos de jovens em todos os municípios e bairros das cidades, além de estimular a realização de mais encontros regionais; 3) “Tarefas Políticas para a Juventude”: organizar comitês de campanha contra a ALCA e a defesa da Amazônia, desenvolver campanhas de solidariedade aos povos palestinos, aos cubanos, a argentinos e aos demais povos lutadores mundiais, além de estimular a luta contra a diminuição da idade penal e unificar trabalhadores do campo e da cidade na busca de novos valores morais, éticos e revolucionários.

que já tinham estudado porque era muito difícil [...] A escola, o ensino público não abrange o suficiente, o necessário para você passar no vestibular (informação verbal)¹³.

Já Marcelo afirma que não teve muita dificuldade no vestibular devido ao fato de ter estudado em uma escola urbana na infância. Ainda assim, ele insiste que a conquista pessoal foi concretizada graças ao grupo:

Eu faço questão de mostrar. E todas as minhas atuações [em mobilizações populares ou em simples reuniões acadêmicas] eu tenho por princípio falar ‘olha, eu só estou aqui graças ao MST’. Se não fosse o MST eu estaria como estava antes: parado e sem estudar. (informação verbal)¹⁴.

Identificou-se – implícita ou explicitamente – as dificuldades de “ser” jovem sem-terra. Mas este argumento não parecia suficiente para explicar a insegurança expressada pelos jovens, porque há uma dedução lógica que “ser” adulto sem-terra também seria difícil. Claro que os conflitos da adolescência incrementam ainda mais os questionamentos das condições sociais do grupo pesquisado por Branco (2003), assim como ocorre com nosso grupo de universitários entrevistados. Tem-se então, aparentemente, um enorme terreno composto por uma enorme gama de personagens e agentes sociais dentro de apenas um único grupo (o MST).

No entanto, este mesmo terreno amplo se estreita quando se percebe que a condição de “ser universitário” dos jovens entrevistados os empurra para junto aos “de fora”. Motivo: os sem-terra que estão na universidade também são vistos de maneira diferente pelos “de dentro” (pelos seus companheiros jovens que estão em assentamentos e acampamentos, mas não estão cursando faculdade). A condição é simples porque o próprio sistema de seleção da instituição de ensino superior (no caso, o vestibular) reforça a impressão de que os sem-terra que estão na faculdade foram os escolhidos, os privilegiados ou até mesmo os aceitos pelo mundo “de fora”.

Sendo assim, além dos jovens que vivem nos assentamentos e acampamentos (mas que não estão na faculdade) enfrentarem o “desejo” de ter objetos e condições como os de seus semelhantes urbanos (roupas, lazer, eletrodomésticos, acesso à cultura, etc.), também enfrentam agora o desejo de serem como os “escolhidos”. Isto é percebido pelos universitários sem-terra e está presente nos depoimentos deles. Maria, quando questionada sobre seu relacionamento com os demais colegas dentro e fora da universidade, ressalta a visão crítica dos alunos de classe, mas também não deixa de citar um certo grau de rejeição identificado entre os jovens do assentamento:

¹³ Depoimento de Fernanda.

¹⁴ Depoimento de Marcelo.

Tá devagar [o relacionamento na classe]. Ainda tem aquele receio. Olha pra gente assim... [pensa]. Alguém muda sempre [de mesa], falam ‘ali é bolsa’. Tem um monte de gente na minha sala tentando bolsa. Falam ‘como você conseguiu? Tem um jeito de entrar no MST e conseguir bolsa?’. Eu digo não, não é assim. Eu fiquei parada quatro anos e agora que eu consegui. Foi muito difícil. Não é fácil assim conseguir uma bolsa. Lá no assentamento que eu moro, todo mundo quer, mas não é fácil. (Informação verbal)¹⁵.

Nesta resposta fica claro que Maria uniu o receio de seus colegas de classe (jovens urbanos) com o receio dos companheiros de assentamento, demonstrando ser preciso provar triplamente sua capacidade: primeiro para ela mesma, depois para os “de fora” e ainda ter que convencer os “de dentro”. E como obter sucesso neste processo de convencimento? A resposta está novamente na busca por melhores condições de ensino básico e na inserção das dificuldades (individuais e coletivas) dentro do processo de formação em acampamentos e assentamentos. Por mais que o movimento tenha feito avanços no desenvolvimento de uma pedagogia paralela, a educação das crianças e jovens sem-terra continua baseada no processo tradicional de ensino. Por mais que tenha evoluído, a escola rural – do assentamento e do acampamento – parece continuar deficiente como a quase totalidade das escolas públicas de ensino fundamental e médio. Basta avaliar o levantamento feito pela Unesco em 2003, no qual estudantes brasileiros do ensino fundamental aparecem em 40º lugar entre 41 países latinos avaliados em quesitos mínimos: conhecimento básico em português, matemática e interpretação de texto (Brasil ficou a frente apenas do Peru). A escola atual visivelmente deixa de oferecer condições que garantam uma aprendizagem sólida e preparo para os jovens brasileiros enfrentarem etapas mais complexas, a começar pelo vestibular.

Ao analisar o jovem do meio rural, seja ele sem-terra ou filho de agricultores, Vela (2001) destaca que vários fatores aumentaram a conscientização dos jovens do campo em relação ao mundo que o cerca, mas também respalda que estes mesmos fatores igualmente aceleraram o processo de formação dos jovens da cidade. Portanto, o distanciamento entre a juventude urbana e a rural pode estar atualmente em outro nível (no âmbito da concorrência profissional, do acúmulo cultural, das condições de assimilação do mundo moderno, etc.), mas continua visível. É como uma bolha dentro de um cano d’água na posição vertical: a pressão que eleva as águas anteriores a bolha faz com que ela empurre o líquido posterior. A massa de água avança com a pressão, mas a distância não diminui e as partes continuam separadas pelo ar. Existem ainda outros fatores que contribuem para minar o desenvolvimento do jovem rural:

¹⁵ Depoimento de Maria.

O peso das preocupações com a migração rural, a exigência na pluralidade de atividades, as rápidas mudanças na estrutura familiar, o conhecimento, mesmo que intuitivo, de viver e sentir-se num mundo globalizado, possuidores de uma baixa escolaridade, e a entrada no mercado de trabalho cada vez mais cedo, como necessidade para ajuda no grupo doméstico, causam cada vez mais a conformação de um jovem rural desmotivado, ao verificar que não tem mais espaço na divisão da terra com os irmãos, e preocupado ao migrar ou para outras regiões rurais, ou para os centros urbanos, onde a demanda pelo trabalho é bem maior que a oferta, e em extremas condições de desigualdade com o jovem urbano. Um *trainee*, selecionado como estagiário entre grandes empresas, precisa estar cursando o último ano de uma carreira universitária, ou estar cursando pós-graduação, falar no mínimo uma língua e ter muita criatividade. Isto é certamente, se não algo desconhecido, um sonho para os jovens rurais. (VELA, 2001, p. 36-7).

Processo de seleção dos universitários

O processo de seleção que os vestibulandos sem-terra enfrentam é um pouco diferente do sistema oferecido aos índios paranaenses, por exemplo, que contam com as vagas destinadas especificamente para a etnia em universidades estaduais. Os índios têm legalmente garantida uma cota de três vagas em cada uma das seis instituições espalhadas pelo Estado e precisam disputá-las apenas com os concorrentes da mesma origem étnica¹⁶. O mesmo ocorre com a reserva de vagas para negros e pessoas carentes em universidades públicas¹⁷.

Como os sem-terra precisam enfrentar os concorrentes urbanos de igual para igual, o que parece ocorrer entre os estudantes do MST em fase pré-vestibular seria um “direcionamento” de jovens antes da prova, ou seja, uma espécie de pré-seleção antes da avaliação oficial (uma lista seria apontada para disputar as vagas oferecidas ao grupo). Esta condição prévia não foi confirmada oficialmente pelos integrantes

¹⁶ O Paraná foi pioneiro na elaboração de uma lei – a 13.134/01 – que garante 18 vagas anuais para universitários indígenas nas instituições de ensino estadual, além de uma ajuda de custo no valor de um salário mínimo. As vagas variam de ano em ano, na intenção de oferecer futuramente todos os setores científicos disponíveis nas universidades.

¹⁷ A disponibilização de vagas para negros em universidades públicas começou com a Lei Estadual nº 3708, criada no Rio de Janeiro em 9 de Novembro de 2001, que instituiu cota de até 40% para as populações negra e parda no acesso à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense. A determinação passou a vigorar em 2003, em comum funcionamento com outra Lei Estadual, de 2000, que destina 50% das vagas das universidades estaduais para alunos que tenham frequentado integralmente escola pública. Assim, em um curso que tenha 100 vagas são aprovados os alunos que tirarem as primeiras 50 melhores notas. As demais 40 vagas são preenchidas pelas melhores notas dos alunos autodeclarados negros oriundos de escola pública e depois dos autodeclarados negros de escola particular. As 10 vagas restantes são reservadas para os alunos brancos oriundos de escola pública.

do MST e nem mesmo pelos entrevistados, mas aparece implícito no depoimento dos estudantes ouvidos por esta pesquisa. “[...] quando **me convidaram** pra fazer a faculdade, eu pensei em três opções porque a gente acaba pegando o que assimila um pouco mais, né?”. (informação verbal)¹⁸.

Logo na seqüência, porém, Pedro afirma haver espaço para todos os jovens sem-terra no processo, defendendo a democracia que existiria em tal convênio. A condição seria apenas o compromisso de contribuir com o movimento.

A oportunidade do Movimento Sem-Terra, a oportunidade da bolsa não só pra nós, mas pra outros companheiros, independe da universidade, do local. Acho que é a oportunidade para gente tá se aprimorando, buscando mais conhecimento pra contribuir depois com a organização. (informação verbal)¹⁹.

Sobre a suposta pré-seleção, os universitários insistem que ela não se apresentaria como maquiagem ou manipulação de um processo. O que ocorreria seria uma confusão com as discussões prévias sobre quem do assentamento deveria disputar as vagas. Na visão do movimento, se há uma vaga para um curso ligado às Ciências Biológicas, porque não priorizar jovens dedicados aquele segmento?

Eles afirmam não proibir ou impedir qualquer jovem de fazer o vestibular, mas pedem que haja discussão entre os pretendentes. Assim se dá também entre os índios, só que explicitamente. O motivo de tal condição parece ser a preocupação com o “retorno” que os futuros universitários darão aos assentamentos e acampamentos de onde saíram. Na visão do movimento (seja do sem-terra ou do índio), com a escassez de vagas e a dificuldade de colocar jovens nas instituições de ensino, não seria interessante deixar um estudante usufruindo um benefício durante quatro anos para depois seguir carreira como profissional liberal fora da comunidade, cortando os laços com o movimento.

Isso parece claro na resposta dos universitários da UNIMEP e reforça uma provável condição: eles dificilmente cortarão seu vínculo com o MST. Isso não quer dizer que há garantias destes jovens permanecerem na luta ou até mesmo trabalhando dentro do e para o movimento. O que existem são compromissos políticos, éticos e sociais que tendem a direcionar estes jovens para as frentes da luta, como novos reforços para a coordenação, assim como para a retaguarda do grupo (atuando em assentamentos e acampamentos). Os depoimentos de Pedro e Cristiana expõem esta condição e também uma grande preocupação com a importância da suas escolhas para a organização de novos assentamentos e, principalmente, cooperativas.

¹⁸ Depoimento de Pedro.

¹⁹ Depoimento de Pedro.

No caso, eu sugeri [nas opções da inscrição] Administração, Economia e Contabilidade, porque eu já tinha feito [algo nestas áreas]. Eu pensei ‘pelo menos eu já tenho um pouquinho de conhecimento’. **Depois eu pensei no movimento: qual a melhor opção para o movimento?** Mas aí o movimento também tinha esta dificuldade. Até hoje a parte de contabilidade feita por uma cooperativa é feita por pessoas de fora. E estas pessoas de fora não têm o interesse de conhecer a vida da cooperativa ou se preocupar com a vida dos associados. Muitas vezes a questão da administração das cooperativas, das entidades de produção que têm lá dentro do movimento, ela precisa ter uma vida, uma duração, uma continuidade. Se acabar falindo ou quebrando? E a expectativa da situação econômica e financeira dos assentados? O movimento começava a perceber que havia esta deficiência, esta necessidade. Aí eu propus um ano nesta área [escolhida]. (informação verbal)²⁰.

Eu vou ser uma eterna ativista. A gente já está com uma proposta de ir para outro estado e assumir uma tarefa muito difícil. Eu fiquei muito feliz por isso porque eu quero contribuir. Eu não teria sentido, não consigo imaginar trabalhando como assalariada depois de conseguir uma bolsa através do movimento. **Eu estaria sendo injusta comigo e com os trabalhadores. Me realizar por completo é poder contribuir colocando o meu saber para os trabalhadores.** (Informação verbal)²¹.

Do discurso para prática

Identificamos também a busca dos estudantes por colocar em prática às críticas e propostas que apresentam no discurso próprio. Marcelo e Cristiana descobriram que a interação com os colegas de classe pode ser feita com o uso de dados, pesquisas ou até mesmo com produções culturais, como vídeos e documentários. Eles extrapolaram o conceito padrão de educação (professor/emissor > aluno/receptáculo) e inseriram meios que reforçam suas críticas ao processo de aprendizagem padronizado, ao mesmo tempo em que subsidiaram os demais alunos com informações sobre o “grupo” deles: o Movimento Sem-Terra.

As pessoas que não conheciam o MST tiveram uma oportunidade de discutir isso mais a fundo [com a presença de universitários sem-terra nas classes]. Tinha umas professoras que provocavam e aí a gente ia esclarecendo. E alguns estudantes que são muitos desinformados ficavam inseguros, não sabiam realmente qual lado era verdade. E aí nós conseguimos provar algumas coisas com atitudes concretas. A

²⁰ Depoimento de Pedro.

²¹ Depoimento de Cristina.

gente trouxe dados sobre a produção [agrícola], sobre a saúde, a moradia, quer dizer, da dignidade que o movimento desenvolve com os trabalhadores. [...] A gente falava das escolas que nós temos, da proposta da educação, dos prêmios que nós já recebemos... Então as pessoas perguntavam: ‘por que a mídia não fala isso?’ [...] Ora, porque não é importante [dizer ou mostrar isso] (Informação verbal).²²

Muita gente não me conhece, não mantém contato comigo e pensa que eu sou aquele radical de esquerda. Não conhece nada do movimento, mas me vê e vê o movimento da mesma forma que a mídia vê. Aquela coisa ruim, aquela coisa do mau... É até interessante, porque no semestre passado entrou uma professora de Direito Agrário na universidade que até então não tinha. Ela começou a falar do MST e me pediu uns filmes e eu passei uns [nomes de produções] pra ela. E o pessoal viu aqueles filmes que eu passei e começou uma discussão. [...] Eu passei “Terra de Rose”, “Sonho de Rose”, “Arquiteto da Violência”²³ e um sobre Corumbiara²⁴. Aí eu passei e um dos alunos – que está no décimo semestre – disse ‘nossa professora, isso tudo acontece dentro do movimento é?’. Aí surgiu na sala o meu nome. E ele (o aluno) disse ‘eu sempre vejo ele com as coisas do movimento, todas as manifestações que o MST faz na faculdade ele tá junto. Eu tinha um pensamento geral do movimento, mas eu nunca conversei com ele’. Eu faço questão de demarcar que sou militante do MST. (Informação verbal).²⁵

Percebe-se mais uma vez que o resgate das referências históricas está implícito nesta declaração. Vê-se ainda que as “ações de ocupação” estão sendo reformuladas em cima da “bagagem cultural” trazida pelos jovens sem-terra para dentro da universidade, dentro do ambiente urbano onde estão vivendo. São propostas de mudanças que se aliam aos Encontros de Jovens do Campo e da Cidade, ao Fórum Social Mundial e a tantos outros eventos disseminados pelo Brasil e América Latina.

No caso específico dos universitários, as “costuras sociais” que eles fazem no campus – como os vídeos sugeridos por Marcelo ou as pesquisas levadas à sala

²² Depoimento de Cristina.

²³ Terra para Rose (1985) e O sonho de Rose (1995), documentários dirigidos por Tetê de Moraes, é o registro da luta dos sem-terra assentados na Fazenda Anoni (RS) e a personagem Rose, camponesa que acabou morrendo dia 31 de março de 1987, durante uma manifestação. Arquiteto da violência (2000) é um documentário feito no sul do Brasil com base em imagens cedidas por policiais militares que não concordavam com a violência usada pela corporação.

²⁴ Referência ao massacre ocorrido em 9 de agosto de 1995, durante desocupação da Fazenda Santa Elina, em Corumbiara, sul de Rondônia. Durante a madrugada desta data, cerca de 300 policiais militares invadiram o acampamento atirando. No total, dois policiais e nove sem-terra foram mortos, entre eles uma menina de apenas sete anos. Em 17 abril do ano seguinte, foi registrado o Massacre de Eldorado do Carajás (PA), onde 19 sem-terra foram mortos e outros 69 ficaram feridos.

²⁵ Depoimento de Marcelo.

por Cristiana – acabam funcionando como ponte entre os “de fora” e os “de dentro”. Eles são reflexos da formação do movimento e funcionam como “reagentes” dentro do “meio estranho” ao que eram acostumados. Processando as duas condições de vivência, o jovem sem-terra indica ao próprio MST novos caminhos e novos meios para penetrar nas fissuras da sociedade capitalista atual. Mas este processamento feito por eles também expõe ações e iniciativas do MST, incompatíveis ou que não estão surtindo efeito negativo dentro das atuais condições sociais e econômicas vigentes, como as ocupações de terra (fora dos parâmetros que definem propriedades como improdutivas) e invasões de prédios públicos e estabelecimentos privados. O exemplo dos estudantes mostra que é preciso inicialmente voltar a dialogar com a comunidade, interagir e organizar ações com a participação de todos. Por meio destes diálogos externos, os setores internos do movimento social também sofrem mudanças.

Quando você está dentro da organização, você acredita que é tudo perfeito. Mas com uma visão mais crítica, eu acredito que nós precisamos melhorar ainda mais. Qualificar melhor nossos militantes e dirigentes. Nós estamos na linha certa, mas nós precisamos de mais estrutura que possa qualificar as pessoas e que elas possam se sentir agente do processo, responsável por todo esse processo de transformação. Acredito que faltam mais pessoas com essa capacidade pra poder mobilizar muito mais pessoas. (Informação verbal).²⁶

Estando “fora da casa”, o universitário sem-terra pode observar mais atentamente a construção e o planejamento do movimento do qual participa, o que constituiria uma visão crítica nova, sólida, melhor e mais eficiente. Uma visão criada sobre, para e dentro do próprio MST, funcionando como novo parâmetro, como bússola que passa a nortear o agir e como balança que avalia o grau das futuras ações, além de portar-se como retro alimentador do grupo, oferecendo um conceito ainda mais amplo dos novos movimentos sociais brasileiros.

Considerações finais

Depois de analisar o comportamento dos universitários do MST, podemos dizer que a saída encontrada por eles para o problema identificado por Ponce (1989) foi à complementação educacional, em conjunto com a busca por mudanças sociais. Simbolicamente falando, observamos os acadêmicos sem-terra como “pedras para obras” e não como “traços da planta de um projeto”. Com estas pedras serão possíveis diversas construções sociais no decorrer dos próximos anos. Repetimos que não seria possível afirmar que estes estudantes seguirão ou não a estrutura padrão da sociedade

²⁶ Depoimento de Cristina.

moderna. Nossa hipótese é que eles não irão cooptar com a sociedade capitalista tal como se apresenta hoje, mas temos que lembrar que este é apenas o primeiro de uma série de grupos compostos por acadêmicos do MST.

Cabe ressaltar que o tema abordado nesta pesquisa não se esgota, mesmo porque os personagens principais estão construindo o próprio caminho, traçando metas e ainda fazendo experimentos que nunca foram desenvolvidos (até poucos anos não havia universitário sem-terra, muito menos pesquisas sobre o assunto). O acompanhamento destes jovens depois de formados garantiria subsídios para outras tantas pesquisas.

A sistematização e o estudo do tema requerem uma continuidade, mas ainda assim pode-se dizer que as condições expostas nesta pesquisa são propícias para a preparação de um novo caminho social para as crianças que estão nascendo e crescendo no interior dos movimentos sociais brasileiros. E mesmo havendo omissões, confusões e erros decorrentes de ações e reivindicações ultrapassadas – muitas delas já registradas pela maioria dos movimentos sociais históricos do Brasil (DIAS, 2003) – esta pesquisa compactua com a tese que o pequeno agricultor, com ou sem terra, resiste ao desaparecimento (contrariando teóricos do economicismo) e também com Bassani (2003), quando destaca que mobilizações, como o MST, estão longe de serem compreendidas dentro das condições atuais de análises (sejam acadêmicas ou midiáticas), devido à diversidade das bases sociais que as sustentam, assim como suas formas de representação e atuação.

Os jovens estudantes sem-terra são integrantes deste processo evolutivo, pois resistem, oferecem à sociedade novas expectativas para o campo e dão amplitude às metas dos movimentos sociais rurais. Assim sendo, frases usadas pelo MST, como “Ocupar, resistir, produzir” são transportadas para novos contextos e novos significados, onde “ocupar” significa estar no campo, acompanhando companheiros e parentes identificados histórica e sociologicamente com o meio rural e com um processo contínuo pela Reforma Agrária no país, mas também remete ao adentrar outras arenas públicas como o campus (participando das discussões junto aos colegas universitários, aos demais estudantes sem-terra e interagindo com a comunidade que inicialmente o considerava estranho). Já o “resistir” ainda parece estar representado pelos acampamentos de lona nas ocupações de terra, na insistência diante da ameaça de jagunços e da indiferença das autoridades (como a resistência histórica dos movimentos camponeses), mas passa a ganhar novo significado em relação às pressões sofridas dentro e fora das universidades – sejam públicas ou privadas – que ainda estão distantes dos jovens integrantes de mobilizações populares. Por fim, o “produzir” remete à geração de riquezas para o Brasil, às safras de grãos, à produção de hortifrutigranjeiros, carne, leite, enfim, gerar alimentos (objetivo final que condiz

com a definição do agricultor em si) nos assentamentos conquistados ao longo das últimas décadas. Este produzir agora encampa a geração de conhecimento a partir do que está sendo acumulado nas salas de aula, criando novas discussões, novas dúvidas e novos temas que podem ser pesquisados no futuro.

É possível ilustrar a compreensão de tais buscas com a resposta de Marcelo, quando questionado sobre o seu maior sonho ou objetivo:

Meu sonho é não precisar mais estar trabalhando enquanto militante no Setor de Direitos Humanos, na defesa da descriminalização do movimento. Que um dia a gente consiga realmente fazer a reforma agrária e que a minha função termine e que eu possa ficar em algum assentamento plantando alguma coisa, que eu adoro mexer com a terra. (informação verbal).²⁷

Este é o novo personagem, o novo estranho. Percebe-se que a observação de Martins²⁸ em relação aos índios e camponeses que ele pesquisara serve perfeitamente para definir os resultados da pesquisa desenvolvida com os acadêmicos sem-terra: a história mostra que o tempo é diferente para os universitários do MST, que há um outro tempo no pensar e no agir dos jovens pesquisados. A formação destes jovens não aparenta ser basicamente individualista como na sociedade urbana (onde o aluno faz provas para buscar melhores notas e assim procurar emprego para conseguir dinheiro, realizar o sonho de construir sua casa, ter um carro, etc.), mas um processo de construção da identidade, tal qual a “consciência possível” de Lukacs (2003).

O jovem sem-terra estará pronto para assumir suas funções sociais dentro de um prazo diferente de um jovem urbano comum. E como a formação destes novos integrantes e até mesmo novas lideranças oferece condições para a continuidade do movimento que os acolheu e formou, o MST se reformula, contrariando conceitos histórico-sociológicos citados anteriormente, onde muitos pensadores e analistas pregam o fim do espaço agrário ou a absorção do homem do campo pela sociedade moderna como um apêndice do capitalismo. Se antes o MST tinha um caráter meramente religioso (lema: “Terra de Deus, Terra de irmãos”), rebelde (“Reforma Agrária, na lei ou na marra”) e/ou reformista (“MST, agora é pra valer”), atualmente passa a ter um caráter racional (“Por Reforma Agrária, emprego e justiça”), com seus integrantes absorvendo conhecimento científico em instituições de ensino superior pela primeira vez. Se pelas análises de Hobsbawm (1970) os sem-terra seriam

²⁷ Depoimento de Marcelo.

²⁸ Martins (1993, p. 36), afirma: “O nosso tempo é um tempo linear, começa tal hora e termina tal hora, com tantos minutos, tantos segundos, e assim por diante. O tempo para eles é completamente outra coisa, o que, aliás, não é nenhuma novidade – antropólogos e sociólogos o têm dito que as populações indígenas e camponesas estão inseridas num tempo cósmico, que é outro tempo. Mas a questão é ver esse tempo na prática. O tempo é outro. O tempo de luta é outro”.

interpretados como “rebeldes primitivos” até pouco tempo, passadas duas décadas de atividade, os integrantes do MST tentam agora racionalizar e buscar fundamentações para seus próprios ideais, equacionando interesses científicos, ecológicos, jurídicos, sociais, etc., sem esquecer a principal bandeira: a luta pela Reforma Agrária. O Movimento não abandonou sua mística e sua religiosidade, mas passou a entender cientificamente o meio que garante melhores condições de vida, produção agrícola, estrutura educacional. E isso se reflete na busca pela maturidade e credibilidade junto à sociedade brasileira. Manifestações contra algumas políticas econômicas do Estado, o apoio aos sem-teto das grandes cidades, protestos por mais empregos nas fábricas e manifestações pela escola pública de qualidade são exemplos das ações desenvolvidas que revelam uma nova postura do movimento: a de ocupar as arenas públicas e de abrir novas portas para outras mobilizações sociais.

The Campus take over – the MST under graduate students

Abstract: *This is an analysis how the historical and sociological influences that belong to the (Movement of the No Land Rural Workers) MST are understood by the under graduate student of the movement. He is a new sociological character who arises as a resistance test to testify the capacity of reorganizing and mobilizing the country.*

Key words: *Rural social movements. Education. MST.*

Referências

- BASSANI, P. Uma ótica para ver o MST. **Jornal Terra Vermelha**, Londrina, n. 56, p. 11-13, dez. 2003.
- BOMFIM, M. **América Latina, males de origem**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- BRANCO, M. T. C. **Jovens sem-terra: identidades em movimento**. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.
- CALDART, R. S. **Pedagogia do movimento sem terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

- DIAS, Emerson S. **A maioria do MST e o futuro dos universitários sem-terra**. 2004. 158f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- _____. Conflitos e contradições nas raízes dos movimentos sociais rurais brasileiros. **Revista Mediações**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 55-81, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HOBBSAWM, E. **Rebeldes primitivos: estudo sobre formas arcaicas de movimentos sociais dos séculos 19 e 20**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1970.
- LUKACS, G. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, Dinalivro, 2003.
- MARTINS, J. de S. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PONCE, A. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.
- VELA, H. O novo perfil do jovem rural. **Revista Marco Social**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 32-37 maio 2001.
- WOLKMER, A. C. **Introdução ao pensamento jurídico crítico**. São Paulo: Ed. Acadêmica, 1991.